

A experiência do cético

Plínio Junqueira Smith



Associação Filosófica Scientiæ Studia
São Paulo, 2020

Copyright © Associação Filosófica Scientiæ Studia, 2020

Projeto editorial: ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

Direção editorial: PABLO RUBÉN MARICONDA

Design editorial: JAIMIR CONTE

Capa: LETICIA FREIRE

Coleção Epistemologia e Filosofia Analítica

Editores: PLÍNIO JUNQUEIRA SMITH

WALDOMIRO J. SILVA FILHO

RENATO KINOUCI

JAIMIR CONTE

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Smith, Plínio Junqueira

A experiência do cético / Plínio Junqueira

Smith. -- São Paulo : Scientiæ Studia, 2020. --

(Coleção epistemologia e filosofia analítica)

Bibliografia.

ISBN 978-65-86595-00-0

1. Ceticismo 2. Filosofia I. Título. II. Série.

20-36401

CDD-149.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Ceticismo : Filosofia 149.73

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

Rua Doutor Cícero de Alencar, 131

05580-080 – São Paulo, SP

Tel./Fax: (11) 3726-4435

www.scientiaestudia.org.br

Sumário

Prefácio • 9

CAPÍTULO 1 Filosofia e vida • 19

- 1.1 Uma concepção de filosofia • 19
- 1.2 A relação entre filosofia e vida no nascimento da filosofia • 24
- 1.3 Insulamento: o divórcio entre filosofia e vida • 30
- 1.4 Os riscos da filosofia • 33
- 1.5 O tribunal da razão: neutralidade e imparcialidade • 43
- 1.6 Ceticismo e vida cotidiana • 51

CAPÍTULO 2 Reflexão filosófica e precipitação • 65

- 2.1 Reflexão e precipitação • 65
- 2.2 Investigação comum e investigação filosófica • 68
- 2.3 A reflexão filosófica sobre o pensamento comum • 79
- 2.4 A reflexão filosófica sobre o pensamento filosófico • 88
- 2.5 Habilidades e crenças • 94
- 2.6 O princípio cético e a precipitação • 108

CAPÍTULO 3 Sobre a maneira neopirrônica de agir e pensar • 123

- 3.1 A parte destrutiva: a experiência do desacordo • 123
- 3.2 A investigação inicial: da experiência cotidiana e filosófica à ideia de uma razão cética • 133
- 3.3 A investigação continuada: o ritmo ditado pela razão cética • 145
- 3.4 A complexidade da visão cética do mundo • 162

CAPÍTULO 4 Neopirronismo e desacordo • 173

- 4.1 Neopirronismo e os modos de Agripa • 173
- 4.2 O modo do desacordo: somente uma maneira de levantar a questão? • 177

- 4.3 O modo do desacordo e o trilema de Agripa • 181
- 4.4 Três versões do modo do desacordo • 188
- 4.5 O desacordo das atitudes • 190
- 4.6 O desacordo dogmático antinômico • 195
- 4.7 O desacordo dogmático plural • 204
- 4.8 Neopirronismo rústico? • 207

Capítulo 5 A percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção • 217

- 5.1 O lugar da percepção na filosofia • 217
- 5.2 O lugar da concepção comum de percepção na filosofia • 219
- 5.3 A percepção como uma relação complexa • 222
- 5.4 Características do sentido pessoa-mundo • 227
- 5.5 Características da experiência subjetiva • 233
- 5.6 Características do sentido mundo-pessoa • 243

CAPÍTULO 6 Consciência, vaidade e surpresa • 249

- 6.1 Consciência de si e conhecimento de si • 249
- 6.2 Fugindo do inferno e buscando ângulos favoráveis • 252
- 6.3 Desautorizando a primeira pessoa • 267
- 6.4 Consciência moral e consciência corporal • 279
- 6.5 Conclusão • 284

Referências bibliográficas • 287

Índice de termos • 297

Índice de nomes • 301

Ao Waldomiro

“Com frequência, as coisas que me pareceram verdadeiras,
quando comecei a concebê-las,
me pareceram falsas, quando quis colocá-las no papel”

René Descartes, *Discurso do método*, VI, p. 66



S E X T U S E M P Y R I C U S

Ex numismate aereo.

PREFÁCIO

Este livro é a tentativa de transformar uma experiência que pode ter a aparência de fracasso numa experiência que talvez possa ser considerada bem-sucedida. Filosofar tem sido, para mim, antes de tudo, uma experiência intelectual peculiar. A maneira pela qual pensamos, seja na vida comum, seja nas ciências (naturais ou humanas), é bastante diferente da maneira pela qual pensamos quando filosofamos. Quem pratica a filosofia com afinco durante muitos anos, décadas na verdade, certamente será afetado por ela de determinadas maneiras, as quais, ao menos a princípio, eram imprevisíveis. Este livro expõe, ou tenta expor, em parte, as maneiras pelas quais fui afetado por mais de trinta anos de dedicação à filosofia.

As experiências filosóficas podem variar muito e, de fato, variam, conforme as pessoas, as épocas, os lugares, os interesses e os gostos. Não posso falar das experiências intelectuais de outros filósofos, pois cabe a cada um relatar a sua própria experiência. Na verdade, creio que é difícil para cada um entender até a sua própria experiência; afinal, conhecer-se a si mesmo é um objetivo filosófico difícil de ser alcançado. Mesmo assim, o esforço de tornar inteligível a sua própria experiência filosófica é, não somente necessário, mas também louvável. De alguma maneira, um filósofo deve se esforçar para ter consciência e clareza do que está fazendo, tanto na sua vida, quanto no seu filosofar.

Para muitos filósofos, o que se almeja na filosofia é encontrar um determinado tipo de verdade, produzir um determinado tipo de teoria, gerar uma determinada

compreensão da vida cotidiana ou de determinados “fenômenos” que nela se apresentam. Dessa perspectiva, a verdade é algo que deve emergir da investigação filosófica, pois nunca seria dada no ponto de partida dessa investigação, mas seria dela o resultado. Esses filósofos provavelmente veriam, nas páginas que se seguem, um exemplo de fracasso ou uma incapacidade de formular teorias. Mas, se fracasso houver, me parece que o fracasso é geral. Ao longo de uma história de mais de dois mil anos, os filósofos apresentaram, cada um deles, um conjunto de doutrinas articuladas com a pretensão de convencer o seu leitor da verdade dessas doutrinas por meio de argumentos e análises conceituais. De um modo geral, os filósofos nunca se puseram de acordo e ninguém convenceu ninguém. Não há, pois, verdades estabelecidas na filosofia, cada um tendo a ilusão de que sua própria teoria é a verdadeira.

Não se deve condenar essa maneira de conceber a filosofia por causa desse suposto fracasso. Um breve exame, mesmo que superficial, da nossa história revela como a filosofia foi fundamental para o desenvolvimento da nossa cultura, das ciências e de nossas concepções morais e políticas. A mera sucessão dessas teorias é, em si mesma, de uma riqueza e de um valor inestimáveis. Mesmo que não se tenham descoberto verdades absolutas, a produção de teorias filosóficas gerou resultados importantíssimos. Nesse sentido, são inegáveis as contribuições das teorias filosóficas para as mais variadas esferas da nossa vida em sociedade. Porque, no final das contas, mesmo que os filósofos pretendam por vezes atingir um ponto de vista absoluto, a partir do qual possam enunciar uma verdade objetiva sobre um mundo independente, o fato é que

sempre se filosofa dentro do mundo e é este mundo que se tenta explicar. Assim, muitas das coisas que os filósofos dizem são pertinentes e podem ser úteis quando se tem uma pretensão mais modesta para pensar e agir na vida cotidiana.

No entanto, o fundamental na atividade de filosofar, a meu ver, não é chegar a uma teoria sobre o mundo no qual vivemos que seja considerada verdadeira ou que o explique adequadamente. Com o passar do tempo, fui percebendo que a atividade mesma de investigação constitui aquilo que a filosofia tem de melhor a nos oferecer. Penso que o essencial da filosofia está nessa atividade de investigar, não na suposta verdade alcançada. Por isso, neste livro, eu me concentro mais sobre a própria atividade de filosofar do que nos seus possíveis resultados teóricos. A experiência de investigar filosoficamente é algo palpável sobre o qual se pode falar e, dessa maneira, produzir resultados de um tipo diferente.

Mesmo quando são concebidas como uma teoria ou como um conjunto articulado de doutrinas, as filosofias não deixam de proporcionar uma experiência intelectual peculiar: a experiência de que a razão filosófica é capaz de resolver os problemas que ela se coloca para si mesma, consegue realizar satisfatoriamente seus projetos filosóficos e pode responder às perguntas que ela mesma levanta. Essa é, sem dúvida, uma experiência intelectual particular muito importante. Ao estudar filosofia, é com esse tipo de experiência com que nos deparamos mais frequentemente. De fato, numa graduação de filosofia, quase todos os cursos são dedicados a estudar autores que tiveram essa experiência, embora a ênfase seja muito mais na doutrina. Às

vezes, num curso, ensina-se a como estabelecer verdades em filosofia. Mas essa não foi a minha experiência pessoal e, portanto, só falarei dela incidentalmente.

Por outro lado, aquelas filosofias que insistem no caráter investigativo da filosofia e na busca da verdade mais do que na sua posse propiciam, a meu ver, uma experiência intelectual ainda mais singular e, talvez, até mais iluminadora da condição humana. Sempre me senti mais próximo desses autores: Platão (em muitos diálogos), Sexto Empírico, Montaigne, Hume, Wittgenstein. O que exponho aqui tem afinidade com essas filosofias que concebem a filosofia como uma atividade investigativa, mas reconhecem que não foram capazes de alcançar uma verdade de tipo especial que muitos filósofos almejam. Muitas são as filosofias contemporâneas que partilham desse espírito antidogmático e investigativo, mas eu me alinho ao que se chama, hoje, de ceticismo neopirrônico ou neopirronismo.

Embora não proponha uma teoria ou uma doutrina filosófica, este livro pretende fazer algumas contribuições positivas. Essa experiência de um fracasso repetido, que se acumula ao longo de toda uma vida dedicada à filosofia ou – no caso de nossa tradição filosófica – ao longo de séculos ou milênios, não pode ser desprovida de um significado profundo. No mínimo, a filosofia deve colocar-se em questão. De fato, a meu ver, a filosofia sempre se colocou como um problema para si mesma. Um possível ganho dessa reflexão sobre a experiência filosófica do fracasso pode ajudar a entender melhor o que os filósofos estão fazendo e qual o sentido de sua atividade. Outro possível

resultado é iluminar nossa condição humana, não pela elaboração de uma teoria, mas pela reflexão sobre os problemas filosóficos e a dificuldade em resolvê-los. Um terceiro possível resultado é que se pode descrever uma “visão cética do mundo” sem que essa descrição seja entendida como uma teoria. A esse respeito, cabe lembrar que as teorias filosóficas podem se constituir num ponto de apoio importante para essa elaboração de uma visão cética, mesmo que essas teorias tenham uma pretensão que ela não tem. De fato, essa visão cética pode ter afinidades com muitas teorias e pode mesmo incorporar muitas de suas ideias. Um quarto resultado é promover uma reflexão filosófica sobre os problemas que nos afligem na vida cotidiana, em vez de quebrar a cabeça com alguns problemas puramente abstratos, por assim dizer. Finalmente, tenho a impressão de que, ao descrever e publicar minha própria experiência intelectual, posso contribuir para o filosofar de alguns de meus jovens leitores.



Esta coletânea de artigos é a primeira de uma série de três. Cada uma obedece a um critério de seleção diferente, de modo que cada uma tenha sua própria unidade e, no conjunto, elas se complementem. Essas três coletâneas devem servir de base para a formulação de meu próprio pensamento na forma de um livro completo e autônomo.

Para esta primeira coletânea, procurei escolher aqueles artigos que apresentam uma maneira própria de filosofar e de redigir um texto filosófico; e tentei deixar de lado aqueles que se aproximam da maneira

mais usual pela qual filosofamos no Brasil, quando filosofamos, ao menos na tradição da filosofia analítica. Ao reler meus artigos, prestei menos atenção ao rigor conceitual e à força da argumentação do que ao estilo, por assim dizer, com que foram escritos. Também tive em vista uma determinada generalidade no conteúdo filosófico, pois eles deveriam formar mais ou menos um todo coerente e abrangente. Se a filosofia é uma visão geral sobre o mundo, então esta coletânea deveria apresentar qual é a minha visão geral sobre o mundo. Nessa tarefa de formular um critério de seleção e de aplicá-lo, recebi – como tantas outras vezes – a inestimável ajuda de meu amigo Waldomiro.

Há uma determinada ordem nos artigos selecionados, que confere uma certa continuidade entre eles, mas essa ordem não é temporal. A meu ver, os artigos vão de considerações muito gerais até considerações mais específicas. Os três primeiros capítulos são os mais genéricos: começo falando da relação entre a filosofia e a vida; passo para uma descrição abrangente de como a filosofia reflete sobre a vida e sobre si mesma; então, me dedico a esboçar a minha versão do neopirronismo. Os três últimos capítulos tratam de temas mais específicos, que dizem respeito a tarefas, por assim dizer, que um neopirrônico deve ou pode cumprir: primeiro, uma reflexão sobre o modo do desacordo, aquela que é, talvez, a porta de entrada da concepção neopirrônica; depois, uma descrição do conceito comum de experiência, na qual se mostra como estamos indissolivelmente ligados a este mundo; finalmente, falo da consciência de si e do conhecimento de si, mesclando filosofia e literatura.

Esta coletânea é um primeiro passo para apresentar de maneira razoavelmente organizada o que se poderia considerar a minha versão de neopirronismo. Naturalmente, para a sua publicação, fiz uma revisão de todos esses seis textos. Em alguns, trabalhei mais e, em outros, menos. De um modo geral, mesmo quando introduzi muitas correções e melhorias, permaneceram basicamente os mesmos. Espero que esses seis textos apresentem uma maneira de filosofar a um só tempo razoavelmente original e instigante, bem como uma posição filosófica que, mesmo com imensas lacunas, seja suficientemente articulada e abrangente.

As outras duas coletâneas, que devem complementar esta coletânea, conterão, respectivamente, artigos que discutem alguns assuntos e alguns autores atuais, ligando-os à filosofia neopirrônica esboçada neste livro, e artigos mais interpretativos de filósofos contemporâneos ou antigos, mas que são importantes para a elaboração mais consistente de uma posição neopirrônica.



AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer aos inúmeros amigos e colegas que, durante toda a minha vida acadêmica, me ajudaram muito, sem os quais nenhum desses artigos teria sido escrito, simplesmente porque não teria sentido escrevê-los. São tantos e suas contribuições são tão diversas que é impossível fazer uma lista com todos os nomes e o que eu devo a cada um. Mesmo com o risco de esquecer o nome de muitas pessoas importantes para mim, eis alguns: Adriana Toledo Piza,

Alexandre Noronha Machado, Alfonso Correa Mota, André Abath, Andrea Lozano, Antônio José da Silva, Bento Prado Neto, Breno Hax Jr., Bruno Pettersen, Cecilia Almeida, Celso Favaretto, Cicero Romão Araújo, Claudemir Roque Tossato, Danilo Marcondes de Souza Filho, Dario Perinetti, Diego Machuca, Eduardo Barrio, Eduardo Fernandois, Efrain Lazos, Eleonora Orlando, Eros Moreira Carvalho, Federico Penelas, Fernando Bahr, Flávio Williges, Francisco Naishtat, Gianni Paganini, Gisele Amaral, Glenda Satne, Guadalupe Reinoso, Guillermo Hurtado, Harvey Brown, Hilan Bensusan, Jaimir Conte, Jeanne-Marie Gagnebin, João Genésio de Almeida Filho, João Vergílio Gallerani Cuter, Jônadas Techio, Jorge Ornelas, José Crisóstomo de Souza, Jose Diez, José Raimundo Maia Neto, Katherine Morris, Livia Guimarães, Luciana Zaterka, Luiz Fernando Barrère Martin, Luiz Henrique de Araújo Dutra, Luiz Paulo Rouanet, Marcelo Silva de Carvalho, Marco Antônio Franciotti, Marco Ruffino, Marcos Bulcão Nascimento, Mathieu Marion, Maurício de Carvalho Ramos, Mônica de Almeida, Oscar Nudler, Osvaldo Giacóia, Otávio Bueno, Pablo Mariconda, Pablo Quintanilla, Pamela Lastres, Paulo Carneiro, Paulo Faria, Paulo Jonas de Lima Piva, Paulo Roberto Margutti, Pedro Stepanenko, Rachel Barney, Renato Kinouchi, Renato França, Renato Lessa, Richard Bett, Roberto Horácio de Sá Pereira, Rodrigo Pinto de Brito, Samuel Cabanchik, Sara Albieri, Sébastien Charles, Sérgio Cardoso, Silvia Faustino, Silvia Manzo, Sylvia Giocanti, Syliane Malinowski-Charles, Todd Ryan, Ulysses Pinheiro, Veronica Tozzi, Vicente Raga-Rosaleny, Vicente Sanfélix Vidarte e Vitor Hirschbruch Schwartz.

Em especial, eu gostaria de agradecer aos seguintes amigos: Luiz Antonio Alves Eva, Roberto Bolzani Filho e Waldomiro José da Silva Filho.

Desejo lembrar aqui aqueles que considero os três grandes neopirrônicos, cujas obras foram determinantes para a minha própria reflexão: Oswaldo Porchat, Robert J. Fogelin e Barry Stroud. E, ainda, Bento Prado Jr., Ezequiel de Olaso e Gordon Baker.

Eu gostaria de agradecer às universidades nas quais lecionei e que tanto me apoiaram em minhas pesquisas: Universidade Federal do Paraná, Universidade São Judas Tadeu e Universidade Federal de São Paulo, assim como às agências de fomento que me permitiram desenvolver, no Brasil e no exterior, minhas investigações filosóficas ao longo de todos esses anos: Capes, CNPq e Fapesp.

Finalmente, quero agradecer à minha família: Eunice, Eduardo, Helena, Estela e Inácio, sem os quais não somente este livro não teria sentido, mas nada teria sentido nesta vida.

Os artigos deste volume foram publicados originalmente nas seguintes revistas ou coletâneas:

1. “Filosofia e vida”, escrito por volta de 2007-2008, artigo não previamente publicado.
2. “Reflexão filosófica e precipitação”, em Silva Filho, W. J. da & Tateo, L. (Ed.). *Thinking about oneself: The place and value of reflection in philosophy and psychology*. Dordrecht: Springer, 2019, p. 73-94 (publicado originalmente em inglês com o título: “Philosophical reflection and rashness”). Agradeço à Springer a autorização da publicação desse texto.

3. “Sobre a maneira neopirrônica de agir e pensar”. *Revista Discurso*. São Paulo: Departamento de Filosofia/USP, no prelo. Agradeço a Pedro Paulo Pimenta, a Roberto Bolzani Filho e à *Revista Discurso* a autorização da publicação desse texto.
4. “Neopirronismo e desacordo”. *Sképsis*, 17, p. 114-34, Salvador, 2018. Agradeço à *Sképsis* a autorização da publicação desse texto.
5. “A percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção”. *Analytica*, 18, 1, p. 109-32, Rio de Janeiro, UFRJ, 2014. Agradeço a Edgar Marques e à *Analytica* a autorização da publicação desse texto.
6. “Consciência, vaidade e surpresa”, em Silva Filho, W. J. da; Santos, P.; & Smith, P. J. (Org.). *Crença, verdade, racionalidade: ensaios de filosofia analítica*, Salvador: Edufba, 2014, p. 85-110. Agradeço à Flávia Goulart Roza e à Edufba a autorização da publicação desse texto.



Compre seu exemplar pelo e-mail
vendas@scientiaestudia.org.br



Este livro foi composto em Filosofia e
impresso em papel pólen 80 g/m² na
Bartira gráfica no outono de 2020